Ganga: entre as riquezas da terra e as violências da mineração

Por Bramma Bremmer

No segundo dia do Festival Estudantil de Teatro - FETO, em sua 23ª edição, realizada em Belo Horizonte entre os dias 27 de outubro e 1º de novembro de 2026, tivemos, na categoria Escola de Teatro, o espetáculo *Ganga*, do Coletivo ATERRA, de São Paulo. A apresentação aconteceu no dia 28 de outubro, no Teatro Marília.

A peça traz como mote de sua pesquisa as tragédias ambientais que aconteceram no Brasil nos últimos anos, especialmente em Brumadinho e Mariana, Minas Gerais. Crimes ambientais decorrentes da mineração desenfreada, que levaram ao rompimento de barragens de rejeitos de minério, assolaram diversas cidades e rios, destruíram o meio ambiente e provocaram impactos ambientais enormes.

Na sinopse, o grupo apresenta: "Essa é uma emergência: abandonem suas casas e sigam em direção ao ponto de encontro. A mineração segue a todo vapor pelo curso do Rio Paraopeba, até invadir a história de Luzia Medeiros, funcionária de uma mineradora. De Vila Rica no século XVIII a Brumadinho no século XXII, Luzia descobre que 'morre-se de febre e de fome sobre as riquezas da terra'."

A peça nos traz uma dramaturgia cíclica, fragmentada, de algum modo, numa interlocução entre o presente e o passado, entre o tempo do agora, o tempo histórico e o tempo também anterior a esse tempo histórico. Temos um elenco muito jovem, formado por atrizes e atores que vêm juntes de uma escola de teatro.

A musicalidade está muito presente, é muito forte. Logo no início do espetáculo, o elenco chega pela plateia entoando uma canção de Milton Nascimento. É muito interessante, por ser um coletivo de São Paulo, que traz essa mineiridade também muito forte. Durante a pesquisa do espetáculo, o elenco relata que visitou as cidades atingidas por essas tragédias aqui em Minas Gerais e conversou com a população. Essas conversas, entrevistas e investigações foram importantes para a construção da dramaturgia.

De algum modo, o espetáculo tem algo do documental, do teatro documental, intercalando com a ficção, que acompanha a personagem Luzia, uma mulher negra que assume um cargo de liderança dentro de uma mineradora, mas que vai ter que lidar com a contradição de ocupar esse cargo e, ao mesmo tempo, ser uma mulher negra, ter uma consciência política, uma consciência de classe, uma consciência econômica e social, mas se ver ali nessa liderança de uma mineradora que também destrói tanto dentro dessa lógica capitalista.

Ela vai ter que lidar com essa responsabilidade de, de algum modo, estar também ocupando esse lugar de opressão, ainda que ela própria sofra diversas opressões, até mesmo dentro da empresa. Ainda que esteja num lugar de liderança, ela continua sob a direção dos grandes empresários e de todo esse sistema de opressão que também acontece dentro da própria empresa e que reflete a opressão no sentido da destruição ambiental, da violência e dos impactos na natureza em prol de uma causa capitalista, do lucro, da indústria e dessa destruição desenfreada que se justifica por um suposto desenvolvimento tecnológico, mas que tem um preço muito caro: a destruição da natureza e também de tantas vidas.

E isso parte desde o lugar da própria saúde mental das pessoas que trabalham numa empresa como essa até os impactos que as pessoas que moram nas cidades afetadas também sofrem. Diante dessa situação de exaustão mental e dos desafios do trabalho, acabamos adentrando uma espécie de sonho, uma alucinação da própria Luzia. Nesse momento, o espetáculo parte para uma espécie de flashback, trazendo as histórias das pessoas moradoras das cidades, seus depoimentos, e voltando ainda mais no tempo, desde o período colonial, desde o período da extração do ouro, do minério e de outros minerais.

E vai mostrando também como essa destruição vem desde a colonização, desde o colonizador branco europeu, e os impactos das violências e das destruições dessa extração mineral ao longo dos séculos. Desde o século XVIII, quando isso ainda era feito de uma forma muito mais artesanal, mecânica e localizada, até chegar aos dias de hoje, às grandes mineradoras, às indústrias e às máquinas. É um volume de destruição que tem um impacto gigantesco.

Após acompanharmos toda essa trajetória, retornamos ao tempo presente e vemos Luzia tendo que lidar com essas questões no seu trabalho. A coletividade está muito presente. É um trabalho que tem uma relação muito forte entre o elenco. A musicalidade, os jogos corporais e a encenação também se destacam. Temos algumas cenas com jogos de luz e sombra, em que a iluminação ganha destaque na construção das imagens e da narrativa.

E, por ser um trabalho também de formação, nesse caráter de um grupo que se origina numa escola de teatro, é muito importante e fundamental que vejamos esse posicionamento político em diálogo com a arte-educação. Mais uma vez, o teatro mostrando sua importância também para refletir e, muitas vezes, denunciar as questões do nosso tempo, especialmente essa questão ambiental que é tão urgente no agora.

Especialmente numa semana decisiva para o Brasil, uma semana de eleições, em que tanto se discutiu sobre os impactos ambientais, a destruição do meio ambiente e de que forma também o governo tem responsabilidade nisso. De que forma o governo pode atuar, de fato, para preservar o meio ambiente e reduzir esses impactos, ainda que isso não vá ao encontro dos interesses das grandes empresas e dos grandes empresários.

E vimos, de alguma forma, uma política, um modelo político mais alinhado com a preservação do meio ambiente e com a defesa das causas ambientais vencendo democraticamente essas eleições, enquanto um grupo fascista, um grupo miliciano, um grupo que pouco se importa com a causa ambiental e ao qual há muito interessava até mesmo a destruição do meio ambiente para fazer jus aos interesses comerciais desse projeto fascista de destruição do Brasil, vimos esse grupo sendo derrotado nas urnas de forma democrática.

Então, nessa semana, especialmente, o trabalho se mostra ainda mais relevante, ainda mais urgente, ainda mais do nosso tempo presente, para que possamos mirar um futuro mais responsável também com o meio ambiente. E é interessante destacar que a causa ambiental também é uma das causas do movimento queer. Falamos muitas vezes de queer enquanto identidade LGBTQIAPN+, e é muito importante dizer aqui que, quando falamos de queer, também estamos falando de meio ambiente, de desenvolvimento sustentável. É

fundamental ampliarmos o nosso olhar, a nossa consciência e as nossas perspectivas sobre esse tema e, especialmente, no teatro.

Vida longa ao FETO!